

A NOÇÃO DE NARRATIVA EM GREIMAS

LA NOTION DE RÉCIT CHEZ GREIMAS

Conrado Moreira MENDES

conradomendes@yahoo.com.br

Universidade de São Paulo/FAPESP

RESUMO: O conceito de narrativa foi, por décadas, a mola-mestra da Semiótica de Greimas. Sua teoria voltou-se, em seus primeiros anos, para a questão da narratividade e, a partir daí, foram-se incorporando outros modelos até se formar o que se conhece hoje por percurso gerativo do sentido. O modelo greimasiano, ancorado em bases estruturalistas, buscava depreender estruturas subjacentes aos textos, da mesma forma que, como Saussure, pela parole, chegava-se à langue. Baseando-se fundamentalmente no modelo do sintaxista francês Lucien Tesnière e no do folclorista russo Vladimir Propp, Greimas constrói um conceito de narrativa fortemente heurístico, que se mostra atual para a análise de inúmeros textos pautados por um grau de acentuado de estabilidade.

Palavras-chave: Semiótica greimasiana. Narrativa. Estruturalismo. Pressuposição. Implicação.

Le concept de récit, depuis des décennies, a été le principal centre d'intérêt de la sémiotique de Greimas. Sa théorie s'a intéressée, d'abord, à la question de la narrativité et, par la suite, ont été incorporés d'autres modèles pour former ce qui est connu aujourd'hui pour le parcours génératif du sens. Le modèle greimassien, ancré sur des bases structuralistes, a cherché soustraire des structures sous-jacentes des textes, de la même façon que Saussure, à partir de la parole, est venu à la langue. S'appuyant principalement sur le modèle du syntaxiste français Lucien Tesnière et sur la théorie du folkloriste russe Vladimir Propp, Greimas a construit un concept de récit fortement heuristique, et encore actuel pour l'analyse de nombreux textes guidés par un degré marqué de stabilité.

Mots-clés: Récit. Sémiotique greimassienne. Structuralisme. Présupposition. Implication.

Introdução: algumas palavras sobre Estruturalismo

Para falar da noção de narrativa em Greimas, é conveniente fazer algumas breves considerações sobre o paradigma no qual floresceu sua teoria: o Estruturalismo, que obteve seu êxito na França, nas décadas de 1950 e 60. Dosse (2007), que empreendeu uma ampla pesquisa acerca da história dessa corrente de pensamento, afirma que “as razões desse êxito espetacular dependeram essencialmente do fato de que o Estruturalismo se apresentou como um método rigoroso que podia trazer esperanças a respeito de certos progressos decisivos no rumo da ciência” (p. 21). Influenciado por Greimas¹, Barthes, uma das principais figuras do movimento estrutural, define-o da seguinte maneira: “O Estruturalismo é essencialmente uma atividade [...]. O objetivo de toda atividade estruturalista [...] é reconstituir um objeto, de modo a manifestar nessa reconstituição as regras de funcionamento desse objeto” (apud DOSSE, 2007, p. 277).

A gênese do Estruturalismo deve-se ao nome de Saussure², o fundador do pensamento estrutural, cujas ideias influenciaram intelectuais das mais diversas áreas das humanidades nas primeiras décadas da segunda metade do século XX: “se o Estruturalismo engloba um fenômeno muito diversificado, mais do que um método e menos que uma filosofia, ele encontra seu cerne, sua base unificadora na figura daquele que é apresentado como seu iniciador: Ferdinand de Saussure” (DOSSE, 2007, p. 81). A Linguística passa, assim, a ser considerada a ciência-piloto para demais ciências sociais daquele momento: a antropologia lévi-straussiana; a psicanálise lacaniana; a filosofia foucaultiana, etc. A razão dessa influência é o estabelecimento de suas regras próprias, seu rigor e alto grau de formalização de modo a “arrastar em sua esteira todas as outras disciplinas e fazê-las assimilar seu programa e métodos” (DOSSE, p. 82).

¹ Foi a partir de Greimas, por exemplo, que Barthes tomou ciência da obra do dinamarquês Louis Hjelmslev (Cf. DOSSE, 2007, p. 112).

² Curiosamente, em sua principal obra, o *Curso de Linguística Geral*, o termo “estrutura” ou “Estruturalismo” não aparece sequer uma única vez, tendo sido cunhado efetivamente por Jakobson, que o utilizou pela primeira vez no I Congresso Internacional de Linguística em Haia, em 1928 (Cf. DOSSE, 2007, p. 81).

Greimas, um arquiestruturalista

Algirdas Julien Greimas, linguista e semioticista lituano radicado na França, foi responsável por um dos ramos mais formalizados do Estruturalismo, nas palavras de Dosse (2007, p. 281), “o mais próximo das ciências duras”. O valor das conceptualizações de Greimas “é comparável, para as ciências humanas, à formalização algébrica para as ciências da natureza” (p. 284). Assim, pelo projeto semiótico de Greimas, as ciências humanas deveriam almejar o mesmo grau de cientificidade das ciências ditas duras. Para o historiador francês (p. 295), Greimas, Lévi-Strauss e Lacan compunham o que poderíamos chamar de trio de *aquiestruturalistas*:

Para além de todas as diferenças, Claude Lévi-Strauss, Algirdas Julien Greimas e Jacques Lacan constituem, em meados da década de 60, o trio do estruturalismo mais cientista, mais radicalmente voltado para a pesquisa de uma estrutura profunda, escondida, oculta, quer se trate dos âmbitos mentais, como estrutura das estruturas para Lévi-Strauss, do quadrado semiótico para Greimas ou da estrutura a-esférica do sujeito de Lacan. São três pilares do pensamento formal em seu apogeu. Participam de uma só aventura, aquela que se propõe o objetivo de instalar as ciências humanas na cidade das ciências com a mesma base das ciências da natureza.

O intuito de Greimas (1973, p.11) era fazer da Semiótica – à imagem da semiologia³ saussuriana – “um denominador comum das ciências humanas”. Em entrevista a Dosse (2007, p. 281), o semioticista lituano afirma que: “Desde o começo, tive sempre o projeto de uma Semiótica que ultrapasse a Linguística, a qual não é mais parte daquela”.

O empreendimento estruturalista de Greimas inicia-se na década de 1950, quando vivia na cidade egípcia de Alexandria. Greimas fez dali:

Um dos polos essenciais na definição do paradigma estruturalista [...] Greimas dedica-se à Linguística Moderna, considera-se o continuador do corte saussuriano e, nessa perspectiva, é particularmente seduzido pelos trabalhos do Círculo Linguístico de Copenhague, com destaque para Hjelmslev, que ele apresentará

³ “Uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 2006, p. 24).

como o único herdeiro fiel aos ensinamentos do mestre genebrino (DOSSE, p. 111-112).

Por isso, o conceito hjelmsleviano de estrutura dá as bases epistemológicas ao projeto de Greimas; segundo Hjelmslev (1991, p. 29), *estrutura* corresponde, pois, a: “uma entidade autônoma de dependências internas”. Assim, o lituano, ao conceber uma Semiótica de primados estruturais, não poderia pautá-la senão por uma natureza imanente⁴. Por sua perspectiva, fortemente influenciada por Hjelmslev e Saussure, Greimas ficou conhecido como o mais radical e científico dos estudiosos da linguagem de filiação estrutural. Uma consequência desse gesto epistemológico foi o fato de sua Semiótica não tratar o social e o histórico⁵ a partir de uma perspectiva transcendente: tais elementos são construídos no e pelo texto.

Em 1966, Greimas lança a obra que detém, de forma potencial, todos os desdobramentos de sua teoria – inclusive sobre a narrativa – em obras subsequentes: *Sémantique Structurale*⁶. Jean-Claude Coquet, em entrevista a Dosse (2007, p. 286), afirma a respeito da obra: “O *Sémantique Structurale* foi um livro verdadeiramente genial, pletórico de ideias, um livro mestre desse período”.

Paradoxalmente, ao final da vida acadêmica, de forma mais formalizada, em *Sémiotique des Passions* (1991)⁷, obra coescrita com Jacques Fontanille e, fundamentalmente, em sua última obra, *De l'imperfection* (1987)⁸, Greimas abandona

⁴ Entendemos *imanência* – como mostra Bevidas (2008) – pelo menos em duas acepções: tanto uma imanência que se opõe a uma transcendência, ou seja, imanência no sentido hjelmsleviano, que procurou estabelecer, a partir de Saussure, uma linguística-linguística, isto é, uma metalinguística, ciência que pudesse analisar a língua a partir de suas próprias categorias, e não categorias transcendentais à língua, provenientes da sociologia, da psicologia etc. A segunda acepção de imanência se opõe à manifestação, num processo em que as estruturas imanentes, potenciais, da língua só se realizam pela manifestação.

⁵ Barros (2009, p. 352) mostra que certas críticas que a Semiótica de Greimas por vezes recebe, acusando-a de excluir sumariamente de seu campo o sujeito, o social e a história, “só se justificam pelo desconhecimento da teoria e dos rumos por ela assumidos em seus quase 50 anos”. Nesse artigo, a autora aborda a noção de exterioridade discursiva por uma perspectiva semiótica e mostra que a Semiótica lida, sim, com o que é exterior ao texto, o contexto, mas a partir de conceptualizações que não sejam incoerentes com o princípio da imanência, que proporcionou a criação de uma disciplina sólida e coesa. Em sintonia com o pensamento de Barros (2009), Fiorin (2011, p. 33; colchetes nossos) assevera que não é logicamente possível a Semiótica prescindir da História, já que o sentido é, necessariamente, histórico: “A História [é] interna e inerente ao sentido. Ele [o sentido] é histórico porque se constitui num processo dialético”.

⁶ Publicada no Brasil em 1973, intitulada pela tradução literal: *Semântica Estrutural*.

⁷ A edição brasileira, *Semiótica das paixões*, foi publicada em 1993.

⁸ A edição brasileira, *Da imperfeição*, foi publicada em 2002.

o *éthos* de intelectual altamente formalista para entregar-se à fluidez da estesia, ao sensível, relegando um papel secundário ao inteligível, pelo qual pautara toda sua obra anterior.

Narrativa em Semiótica

Para Greimas, o discurso e a narrativa que lhe subjaz possuem uma organização, uma estruturação, distinta daquela formada por um amontoado de frases ou de palavras. Por tal razão, a busca dessas estruturas imanentes outorgaram ao conceito de narrativa uma importância-chave na obra do semioticista. É, desse modo, a partir dela que se desenvolve toda sua teoria a respeito do texto/discurso. Passemos, pois, diretamente, ao conceito de narrativa em Semiótica.

Num sentido lato, o termo *narrativa* é utilizado para designar um discurso de caráter figurativo, contendo personagens que realizam ações. Cada narrativa, dessa maneira, corresponde a um texto concreto com suas particularidades, mas também com suas invariantes. Em vista disso, estruturalistas como A. J. Greimas e outros teóricos interessados nos mecanismos internos da narrativa⁹ buscaram estabelecer modelos que, a partir de estruturas mais profundas e abstratas, predissessem as configurações narrativas mais concretas¹⁰. Nesse sentido, afirma Barthes (1966, p. 8) que, ainda que haja “um abismo entre o aleatório mais complexo e a combinatória mais simples, ninguém pode combinar (produzir) uma narrativa sem se referir a um sistema implícito de unidades e de regras”¹¹.

Ainda segundo Barthes (1966, p. 8), tal empreendimento deveria ter como modelo fundador a Linguística e, por isso mesmo, teria que se dar pela via dedutiva, isto é, pela construção de um modelo hipotético de descrição. O objetivo era,

⁹ Em 1966, por exemplo, é publicado o número 8 da revista francesa *Communications*, com o título de « *L'analyse structurale du récit* ». Autores como A. J. Greimas, C. Bremond, T. Todorov, R. Barthes, entre outros, reuniram textos com o intuito de se estabelecer, cada qual à sua maneira, mas todos na esteira do mesmo paradigma, elementos para uma análise estrutural da narrativa. Dosse (2007, p. 362; colchetes nossos), afirma a propósito do número 8 da *Communications*, “[que], consagrado à análise estrutural da narrativa, [...] vai figurar como autêntico manifesto da escola estruturalista francesa”.

¹⁰ Em Semiótica, tais configurações se reportam ao que se denomina nível discursivo.

¹¹ Tradução nossa de “[...] *un abîme entre l'aleatoire le plus complexe et la combinatoire la plus simple, et nul ne peut combiner (produire) un récit, sans se référer à un système implicite d'unités et de règles*”.

portanto, na esteira da Linguística da *langue* saussuriana, construir uma rede de conceptualizações sobre a narrativa. Logo, deveria, por isso, sê-lo por um viés paradigmático¹², que pudesse, por meio de determinadas combinações de elementos, dar conta dos textos concretos, das narrativas num sentido amplo, que, por sua vez, remontam ao sintagmático. Por conseguinte, Barthes (1966, p. 8) afirma que: “o analista está quase na mesma situação que Saussure, diante da linguagem mais heteróclita, buscando destacar de uma aparente anarquia das mensagens um princípio classificatório e um foco de descrição”¹³.

O modelo de narrativa proposto por Greimas encontra-se localizado, portanto, no paradigma estruturalista que, juntamente com outros teóricos que, a exemplo do número 8 da revista Francesa *Communications*, buscaram estabelecer elementos para uma análise estrutural da narrativa. No construto teórico greimasiano, a noção de narrativa remonta ao nível narrativo do percurso gerativo de sentido.

Para formular seu modelo, Greimas é influenciado pela teoria do sintaxista francês Lucien Tesnière, segundo o qual, a mais simples frase já é um pequeno drama, implicando processos, atores e circunstâncias (RICOEUR, 1984, p. 89). A partir do quadro teórico de Tesnière, Greimas faz uso do termo *actante*, que, nas palavras do sintaxista, são “os seres ou as coisas que, a título qualquer e de um modo qualquer, ainda a título de meros figurantes e de maneira mais passiva possível, participam do processo” (TESNIÈRE apud GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 20). Assim, o uso do termo *actante*¹⁴ na obra de Greimas passa a ser entendido como “um tipo de unidade sintática, de caráter propriamente formal, anteriormente a qualquer investimento semântico e/ou ideológico” (p. 21). Nesse sentido, a leitura de Greimas do conceito de *actante* de Tesnière, atribui-lhe um grau mais elevado de abstração.

¹² Nesses termos, assevera Barthes (apud DOSSE, 2007, p. 278) que: “O Estruturalismo pode ser definido historicamente como a passagem da consciência simbólica para a consciência paradigmática”.

¹³ Tradução nossa de “*L’analyste se trouve à peu près dans la même situation que Saussure, placé devant l’hétéroclite du langage et cherchant à dégager de l’anarchie apparente des messages un principe de classement et un foyer de description*”.

¹⁴ Greimas (1983, p. 49) diferencia os termos *actante* e *ator*: o primeiro se refere a um elemento do nível narrativo, de caráter lógico, sintático e abstrato. O segundo, por sua vez, já é revestido figurativamente, encontra-se no patamar discursivo e corresponde àquilo que se denomina, comumente, personagem. Não se trata apenas de uma mera distinção taxionômica, pois um *actante* pode corresponder a mais de um ator, por exemplo. Em outras palavras, não existe uma correspondência unívoca entre o *actante* e o ator.

No entanto, é fundamentalmente através leitura dos trabalhos do folclorista russo Vladimir Propp que Greimas dá forma ao seu modelo de narrativa. Propp havia estabelecido 31 funções¹⁵ para o conto maravilhoso russo, definidas por ele da seguinte maneira: “por função, nós entendemos a ação de um personagem, definido do ponto de vista de sua significação no desenrolar da trama” (PROPP, 1965, p. 31)¹⁶. O inventário proposto pelo russo visava, portanto, a encontrar invariantes sobre as quais os contos maravilhosos se ancoravam. Os contos estudados por Propp caracterizavam-se, nas palavras do autor, “de uma parte, [por] sua extraordinária diversidade [...] e, de outra, [por] sua uniformidade não menos extraordinária, sua monotonia” (PROPP, 1965, p. 30)¹⁷. Ainda Brémond, em entrevista a Dosse (2007, p. 274), afirma que as funções estabelecidas por Propp “permitem elaborar um relato exaustivo das ações da totalidade dos contos do *corpus* estudado” (BRÉMOND apud DOSSE, 2007, p. 274).

A grande contribuição de Greimas em relação ao modelo proppiano foi perceber que as já mencionadas funções poderiam ser reduzidas a um número bem menor e, ainda assim, dar conta de todas as transformações da narrativa. Desse modo, o semioticista lituano reduz as 31 funções proppianas a apenas quatro programas narrativos que, juntos, compõem o que se chama de esquema narrativo canônico (a serem detalhados mais adiante). Noutros termos, Greimas aumenta o grau de abstração em relação ao inventário do folclorista russo, de modo a estabelecer um modelo, que, por apresentar uma maior economia, possui maior força heurística.

¹⁵ De forma resumida, as 31 funções proppianas são: (1) Distanciamento; (2) interdição; (3) Transgressão; **FALTA A FUNÇÃO N 4** (5) Interrogação; (6) Informação; (7) Farsa; (8) Delito ou falta; (9) Mediação; (10) Início da ação contrária; (11) Partida; (12) Primeira função do doador; (13) Reação dos heróis; (14) Obtenção do objeto mágico; (15) Deslocamento no espaço; (16) Combate; (17) Marca do herói; (18) Vitória; (19) Reparação da falta; (20) Retorno do herói; (21) Busca; (22) Ajuda; (23) Chegada incógnito; (24) Pretensões mentirosas; (25) Tarefa difícil; (26) Tarefa realizada; (27) Reconhecimento da farsa; (28) Descoberta da farsa; (29) Transfiguração; (30) Punição; (31) Casamento (PROPP, 1965, p. 35-80; tradução nossa).

¹⁶ Tradução nossa de: “*Par fonction, nous entendons l'action d'un personnage, définie du point de vue de la signification dans le déroulement de l'intrigue*”.

¹⁷ Tradução nossa de: “*D'une part, son extraordinaire diversité [...], et d'autre part, son uniformité non moins extraordinaire, sa monotonie*”.

Sujeito/objeto, Destinator/Destinatário, sujeito/antissujeito

Greimas e Courtés (2008, p. 327-329) concebem a narrativa, fundamentalmente, como uma sucessão de ações. Assim, uma narrativa simples, em Semiótica, define-se como a passagem de um estado anterior a um estado posterior. Portanto, o conceito de *narratividade* é “o princípio organizador de qualquer discurso” (p. 330), pois é por ele que ocorrem mudanças de estado. Assim, a frase “Uma mulher foi brutalmente assassinada.” pode ser preliminarmente analisada como a ação de um sujeito de fazer sobre um sujeito de estado, que passa de um estado anterior, em conjunção com o objeto-valor (Ov) “vida”, para um estado posterior de disjunção com tal Ov. Dada a natureza lógica de seu modelo, tais relações pautam-se pela característica de serem não cronológicas, isto é, desvinculadas do tempo chamado “do calendário”¹⁸. Em entrevista a Dosse (2007, p. 284), Greimas afirma que: “o modelo de organização acrônica dos conteúdos [tal como é a estrutura narrativa] deve possuir um alcance e uma penetração gerais”.

Por sua leitura do esquema de V. Propp, Greimas percebeu que as narrativas inventariadas pelo folclorista russo não eram apenas histórias de um herói, mas também, ainda que de forma menos explícita, a história de um vilão. Isso quer dizer que a narrativa constitui-se como uma estrutura polêmica, isto é, dois percursos narrativos opostos: o do sujeito e o do antissujeito, os quais visam a um mesmo objeto-valor. O esquema narrativo funda-se em tal estrutura elementar, a qual tem, portanto, estatuto necessariamente polêmico-contratual: uma disputa de objeto de valor entre sujeito e antissujeito.

O esquema narrativo compõe-se ainda de uma instância transcendente e de uma instância imanente. Naquela, encontra-se o percurso de um Destinator¹⁹ responsável por manipular e sancionar o sujeito. Nesta, atua o sujeito, considerado Destinatário. Completando tal estrutura polêmica, por outro lado, encontra-se o

¹⁸ Na edição de número 8 da revista francesa *Communications*, Barthes (1966, p. 18) afirma, de modo a corroborar o modelo greimasiano, que os métodos de análise estrutural buscam “descronologizar”, isto é, retirar-lhe o aspecto da temporalidade, e “relogificar”, ou seja, dar-lhe uma lógica própria, interna imanente à narrativa.

¹⁹ Na esteira de Greimas e Courtés (2008, p. 132), grafamos, no âmbito da Semiótica, os termos Destinator/Destinatário em maiúsculas, para diferenciá-los dos conceitos jakobsonianos destinator/destinatário, relativos ao seu esquema de comunicação.

percurso de um antidestinador, responsável por manipular e sancionar o antissujeito, o qual, conseqüentemente, caracteriza-se por ser um antidestinatário.

O esquema narrativo canônico compõe-se, assim, de quatro PN's, em que o posterior sempre pressupõe o(s) anterior(s): a *manipulação*, a partir da qual o Destinador manipula o sujeito de fazer a realizar uma ação; impinge-lhe, pois um /querer-fazer/ ou um /dever-fazer/; a *competência*, quando o sujeito de fazer adquire um /saber-fazer/ ou /poder-fazer/; a *performance*, que equivale à realização propriamente dita da ação pelo sujeito de fazer – um /fazer-ser/ – e, por fim, a *sanção*, em que o Destinador-julgador reconhece e premia/castiga a realização de tal ação.

Na leitura de Ricoeur (1984, p. 90), o modelo greimasiano de narrativa ancora-se em três pares de categorias actanciais. A primeira categoria opõe um sujeito a um objeto, de modo que A deseja B. A segunda categoria repousa sobre uma relação de comunicação: um Destinador que se opõe a um Destinatário. O terceiro eixo, para Ricoeur, de natureza pragmática, opõe um sujeito a um antissujeito. Nas palavras do autor: “de modo resumido, o modelo combina três relações: de *desejo*, de *comunicação* e de *ação*, repousando cada qual em uma oposição binária”²⁰.

No modelo concebido por Greimas, as estruturas narrativas regem as estruturas discursivas. Em outras palavras, as estruturas narrativas, sendo mais abstratas, dão conta das complexificações e concretizações daquelas que são mais próximas à manifestação textual, ou seja, as estruturas discursivas. Sob as estruturas narrativas, encontram-se as estruturas fundamentais ou profundas, nas quais situam-se as oposições semânticas de base. Assim, tais patamares passam a compor, cada qual com sua sintaxe e semântica, os níveis: fundamental, narrativo e discursivo, que constituem o chamado percurso gerativo de sentido²¹, o construto teórico greimasiano inteiramente formalizado.

Desse modo, a narrativa aparece como o princípio organizador de qualquer discurso e, em última instância, do próprio imaginário humano: “a estrutura actancial aparece cada vez mais como apta a dar conta da organização do imaginário humano,

²⁰ Tradução nossa de: “En bref, le modèle combine trois relations : de *désir*, de *communication* e d'*action*, reposant chacune sur une opposition binaire”.

²¹ Embora seja nosso interesse discorrer sobre a narrativa em Greimas, não é objetivo do capítulo apresentar de forma pormenorizada o percurso gerativo de sentido. Para tanto, ver Barros (2002) e Fiorin (2006).

projeção de universos coletivos tanto quanto individuais”²² (GREIMAS, 1983, p. 50). Ainda nas palavras de Dosse (2007, p. 266): “Greimas tinha por objetivo encontrar por trás do texto a sistemática que ordena o modo de funcionamento do espírito humano”.

Segundo Mendes e Beividas (2010, p. 46-47), a força heurística do modelo greimasiano de narrativa ainda pode ser comprovada nos dias de hoje para a análise de diversos tipos de textos:

A força epistemológica dessa reflexão de Greimas conserva ainda hoje, a nosso ver, todo o seu vigor heurístico, mesmo que tenha passado quase desapercibida, ao longo dos tantos anos de sua formulação original, pela maioria das disciplinas voltadas à condição humana.

Considerações finais: sobre implicação e pressuposição

Conforme exposto, a narrativa em Greimas esteve fortemente ancorada numa sintaxe narrativa e discursiva de geração de um semantismo quase exclusivamente fundado numa lógica²³ implicativa.

A implicação, conceito tradicional, pertencente e importado da Lógica, pode ser contraposto ao conceito de *pressuposição*. Trata-se, pois, de duas vertentes, uma progressiva e uma retroativa. No que se refere à implicação, o esquema narrativo seria compreendido como uma sequência implicativa de deveres a serem seguidos ou de “necessidade” lógica: a manipulação implica transformação da competência que implica uma *performance* que, a sua vez, implica o seu julgamento, a sanção. No caso da pressuposição, o sentido é oposto, pois a sanção pressupõe a ação, que pressupõe a performance etc. Mendes e Beividas (2010, p. 47), na esteira de Greimas, defendem a precedência da pressuposição em relação à implicação, pois:

A implicação tem como anterioridade lógica a pressuposição: dado o texto global como algo *posto*, a descrição deveria recuperar todo o

²² Tradução nossa de: “*La structure actantielle apparaît de plus en plus comme étant susceptible de rendre compte de l’organisation de l’imaginaire humain, projection tout aussi bien d’univers collectifs qu’individuels*”.

²³ O termo “lógica” aqui empregado não induz a pesquisa ao terreno da lógica propriamente dita, mas refere-se às leis discursivas, portanto, semióticas.

seu *pressuposto*. Nesse caso, a sanção pressupõe uma *performance* que pressupõe a competência do sujeito, que por sua vez pressupõe o regime de manipulação por algum Destinator.

Seja como for, tanto na vertente implicativa quanto na da pressuposição, o texto, pela ótica da narrativa, mostra-se como um lugar de marcado por um grau de estabilidade acentuado. De acordo ainda com os autores, “essa decorrência é razoavelmente admissível e verificável se tomamos textos canônicos em narrativa, do etnólogo Propp da Rússia dos anos 20 do século anterior” (p. 47).

Entretanto, é digno de nota que a força do modelo narrativo de Greimas perdura se tomarmos como exemplo a indústria hollywoodiana: comédias românticas, aventuras e muitos outros gêneros cinematográficos se baseiam ainda fortemente nessa lógica implicativa/de pressuposição. Pensemos também num exemplo que nos é ainda mais familiar: as telenovelas brasileiras. Como estrutura basilar, está o percurso de um mocinho(a) que trava um embate contra um vilão(ã) até o último capítulo do folhetim. Sem esse dualismo, sem essa estrutura polêmica, não há, pois, telenovela. Nesse sentido, a estrutura narrativa greimasiana mostra-se, também nos dias atuais, perfeitamente aplicável a textos mais estabilizados.

Referências:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas/USP, 2002.

BARTHES, Roland. Introduction à l’analyse structurale des récits. *Communications: L’analyse structurale du récit*. 8. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

BEVIDAS, Waldir. Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica: por uma epistemologia discursiva. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 6, p. 1-13, 2008.

DOSSE, François. *A História do Estruturalismo: o campo do signo – 1945/1966*. vol. 1; trad. Álvaro Cabral. Bauru/SP: EDUSC, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Semiótica e História. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo* no 42, p. 15-34, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. Tradução de H. Osakape e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1973.

_____. Les actants, les acteurs et les figures. In: _____ *Du Sens II: essais sémiotiques*. Éditions du Seuil: Paris, p. 49-66, 1983.

_____. *Da Imperfeição*. Hacker editores: São Paulo, 2002.

_____. , COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

HJELMSLEV, Louis. *Ensaio linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MENDES, Conrado Moreira; BEIVIDAS, Waldir. Narrativa e acontecimento no caso Isabella: algumas reflexões preliminares. *Revista da ANPOLL*, v. 01 p. 41-68, 2010.

PROPP, Vladimir. *Morphologie du conte*. Paris: Éditions de Seuil, 1965.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit: 2. la configuration dans le récit de fiction*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral* 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.